

Lição 24 - Do Matrimônio e do Divórcio I.

O casamento deve ser entre um homem e uma mulher; não é, ao homem, lícito ter mais de uma mulher, nem a mulher mais de um marido ao mesmo tempo (Gn 2:24; Mt 19:5,6; Pv 2:17). II. O matrimônio foi ordenado para o mútuo auxílio de marido e mulher (Gn 2:18), para o aumento da raça humana por uma descendência legítima e da Igreja por uma semente santa (Mt 2:15); e para impedir a impureza (1Co 7:2,9). III. A todos os que são capazes de dar um consentimento ajuizado, é lícito casar (Hb 13:4; 1Tm 4:3; 1Co 7:36-38; Gn 24:57,58). Contudo, é dever dos Cristãos casarem somente no Senhor (1Co 7:39); portanto, os que professam a verdadeira religião reformada não devem casar-se com infiéis, papistas ou outros idólatras; nem devem os piedosos prender-se ao um jugo desigual casando-se com os que são notoriamente ímpios em suas vidas ou com aqueles que mantém condenáveis heresias (Gn 34:14; Ex 34:16; Dt 7:3,4; 1Rs 11:4; Ne 13:25-27; Mal 2:11,12; 2Co 6:14). IV. O casamento não deve ser dentro dos graus de consanguinidade ou afinidade proibidos na palavra de Deus (Lv 18; 1Co 5:1; Am 2:7); nem tais casamentos incestuosos jamais poderão tornar-se lícitos pelas leis humanas ou consentimento das partes, de modo a poderem coabitar como marido e mulher (Mc 6:18; Lv 18:24-28). O homem não pode se casar com qualquer um dos parentes mais próximos de sua esposa (em graus de consanguinidade) tanto quanto ele não pode com os seus, nem a mulher com um dos parentes mais próximos do seu marido (em graus de consanguinidade) tanto quanto ela não pode com os seus (Lv 20:19-21). V. O adultério ou fornicação cometida depois de um contrato, sendo descoberto antes do casamento, concede à parte inocente, justo motivo de dissolver aquele contrato (Mt 1:18-20). No caso de adultério depois do casamento, é lícito à parte inocente propor divórcio (Mt 5:31,32), e depois de obter o divórcio casar com outrem, como se a parte infiel fosse morta (Mt 19:9; Rm 7:2,3). VI. Embora a corrupção do homem seja tal que o incline a estudar argumentos a fim de indevidamente separar aqueles que Deus uniu em matrimônio, somente é causa suficiente para dissolver os laços do matrimônio o adultério ou uma deserção tão obstinada que não possa ser remediada nem pela Igreja nem pelo magistrado civil (Mt 19:8,9; 1Co 7:15; Mt 19:6), no qual, um processo público e regular deve ser observado; não deixando ao arbítrio e critério das partes decidirem seu próprio caso (Dt 24:1-4).

Texto Bíblico: “Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne. Gênesis 2.24” Outros textos: Mt 19.5-6; Pv 2.17; Gn 2.18; Mt 2.15; 1Co 7.2,9; Hb 13.4; 1Tm 4.3; 1Co 7.36-38; Gn 24.57-58; 1Co 7.39; Gn 34.14; Ex 34.16

Introdução A Assembleia de Westminster quando propôs a inclusão do Capítulo XXIV tratando do Matrimônio e do Divórcio à luz das Escrituras, nos presenteou com os mais profundos estudos sobre este assunto na visão soberana do Deus criador trazendo elementos básicos e acima de tudo bíblicos que em função da atuação do pecado no coração humano, perdeu-se em sua maioria ao longo dos séculos.

Desenvolvimento

1-Definindo o casamento: um homem e uma mulher As palavras escolhidas por Deus são significativas, pois elas enfatizam duplamente o gênero e o número adequado para um casamento:

um par parental deve se consistir de um pai e uma mãe. Ordenase que o casamento ocorra entre um marido e uma esposa (Gn 2.24). Esse mandamento visava a todas as futuras gerações, embora raramente tenha sido guardado com fidelidade. O povo de Deus se envolveu com a poligamia por muitos séculos. Outras culturas experimentaram a poliandria (uma mulher casada simultaneamente com vários homens). O livro de Provérbios tinha boas razões para advertir contra as tentações do adultério (Pv 2.17). Muito antes do tempo do Novo Testamento, os líderes religiosos tinham promovido razões ridículas para divórcios em série e o novo casamento. É relevante quando nosso Senhor Jesus Cristo pregou acerca do padrão de Deus para o casamento “no início” em Gn 2. E seguindo este exemplo do mestre devemos fazer o mesmo hoje, repetindo a advertência adicional de nosso Senhor, de que o que Deus juntou não devemos separar.

2-Qual é o propósito do Casamento? Em seu nível mais básico – e há muito mais a ser dito – o casamento é para o apoio mútuo, reprodução da raça humana, crescimento da igreja e pureza sexual. Marido e Esposa devem trabalhar juntos neste mundo. Os cristãos às vezes não podem ter filhos. No entanto, é preciso ter uma razão realmente extraordinária para que eles se recusem a ter filhos. Deus quer que homens e mulheres tenham filhos; contudo, mais do que isso, Deus quer que seu povo tenha filhos piedosos. Deus vê as famílias cristãs como uma parte importante do crescimento da igreja. Contudo, Ele também provê o casamento como o contexto normativo para a pureza sexual. Acerca disso Paulo não poderia ser mais claro em 1Co 7. O casamento foi criado em um tempo onde todo tipo de pecado sexual era abundante. Neste mundo alguns têm o dom da pureza. A maioria não tem e deveria ter a ambição de casar (1Co 7.2,9).

3-Com quem os cristãos deveriam se casar? Quando as pessoas procuram por um cônjuge, é razoável que elas saibam pelo que procuram. Devemos encorajar as pessoas a escolher a forma mais visível e comprometida de casamento que a cultura possui.

Os cristãos precisam ser entusiastas do casamento. Entretanto, ao recomendar o casamento não devemos desatentamente aceitar as convenções de qualquer época ou lugar, incluindo aquelas de outras culturas e sociedades mais antigas. Existem sinais no At e no NT de que uma liberdade de escolha no casamento é algo bom. Paulo discute as opções possíveis levando em consideração um casal comprometido em 1Coríntios 7.36-38.

4-Casando-se no Senhor Os cristãos devem ter certeza de que estão se casando com cristãos, e essa certeza deve se basear nas melhores evidências. Esse é o claro ensino da Bíblia. Após Paulo discutir o casamento e o novo casamento em 1Co 7, ele afirma a seus leitores que eles são livres para se casar com qualquer pessoa, desde que ela pertença ao Senhor (1Co 7.39). Devemos encontrar alguém para toda a vida em uma igreja que ame e pregue o evangelho. O perigo de se casar com incrédulo é exatamente o que Salomão ignorou (1Rs 11.4), pelo que Neemias brigou (Ne 13.25-27) e o que Malaquias lamentou (Ml 2.11-12).

Sem dúvida, não devemos nos casar com alguém que possa professar ser um cristão, mas viva uma vida ímpia, talvez notoriamente, ou que se apegue ao erro, talvez até “heresias perniciosas”. Certamente é relevante para o casamento cristão a advertência de Paulo: “Não vos ponhais em jugo desigual com os incrédulos” (2Co 6.14). Os cristãos precisam se lembrar que no casamento nós

compartilhamos tudo o que somos e tudo o que mais profundamente possuímos. Nesse contexto “justiça e a iniquidade” não podem ter muito em comum, nem podem a luz e as trevas ter qualquer comunhão profunda.

5-Consanguinidade ou afinidade

Quando o parágrafo 4 fala de “consanguinidade ou afinidade” ele está se referindo aos relacionamentos por linhagem ou por casamento. A ideia básica, ensinada aqui, é que devemos ir à Bíblia para definir tanto o casamento quanto os desvios em relação ao casamento. Uma lista de relações sexuais impróprias e, portanto, de relações maritais impróprias, é fornecida em Levítico 18. Um dos desvios mais terríveis é o incesto, especialmente o tipo que Amós deplorou em seu contexto rural (Am 2.7), Paulo reprovou em seu contexto urbano (1Co 5.1) e João Batista denunciou na corte real (Mc 6.18). Ninguém pode tornar esse tipo de relacionamento legítimo.

6-Adultério

Uma razão para o divórcio sempre será o adultério. As Escrituras consideram a atividade sexual, no contexto de um noivado, como fornicação ou adultério e julgam que é permissível terminar um relacionamento com base nisso. Aqui, a Assembleia de Westminster dá continuidade à tradição de defender rigorosa pureza sexual quando ela afirma que: “O adultério ou a fornicação, cometido depois de um contrato, sendo descoberto antes do casamento, dá à parte inocente justo motivo de dissolver o contrato”. O divórcio e o novo casamento têm de se basear num motivo forte como o adultério. A Atividade sexual ilícita não requer o divórcio, mas com certeza ela o justifica (Mt 19.9; Rm 7.2-3). Como a conclusão do parágrafo 5 afirma: “à parte inocente é lícito propor divórcio e, depois de obter o divórcio, casar com outrem, como se a parte infiel fosse morta”.

7-Adultério ou deserção e os esforços de outros

Os cristãos devem ser claros acerca de como promover o casamento, e deve igualmente ficar claro em nossa mente que “nada senão o adultério” (Mt 19.6,8-9), ou, Paulo acrescenta, a deserção de um cônjuge (1Co 7.15), pode ser aceito como base para um divórcio.

A equidade geral da lei do AT sugere que uma vez que o casamento é algo tão íntimo, e a dissolução do casamento algo tão destrutivo, o marido e a esposa não devem tomar a decisão por si mesmos. Eles devem buscar sábio conselho da igreja e do magistrado, e então eles devem prestar atenção a ele. Por motivos óbvios, quando buscamos conselho, devemos buscar a Deus mais sinceramente do que tudo. O adultério e a deserção são algumas das provações mais dolorosas que os seres humanos podem suportar. Em tais casos os cristãos precisam encontrar a sabedoria, o conforto e o exemplo de misericórdia perdoadora que reside naquele que é fiel, Deus.

Conclusão De maneira clara e muito óbvia sabemos que o homem se perdeu e que os efeitos do pecado são devastadores em sua natureza caída, porém, em Cristo temos a convicção de que todas as coisas foram feitas Novas e que desta forma podemos hoje nos aproximar por Seu sacrifício do caminho de um casamento saudável e bíblico.